

EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA COM ALUNOS SURDOS: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO

Stenio de Brito Fernandes

*Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(POSEDUC/UERN).steniondre@hotmail.com*

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).
aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br*

RESUMO

Este artigo nasce das experiências e aprendizagens vivenciadas em sala de aula de um professor de Geografia em duas escolas públicas, uma da Rede Estadual e outra Municipal, com alunos surdos no ensino regular do Ensino Fundamental II, no período de 2013 a 2016. Diante disso, questionamos: como um professor de geografia através da formação continuada pode desenvolver aprendizagens com alunos surdos na sala de aula regular? Tem como objetivo narrar minhas experiências de aprendizagens na sala de aula, como professor de geografia que ensina alunos surdos no ensino fundamental II, por meio da formação continuada. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, com base no Método (Auto) Biográfico a partir das narrativas (auto) biográficas, que permite aos professores mergulhar nas origens das representações de si e do outro na construção de seus esquemas, escolar e profissional no processo vivido de ator e autor de suas próprias experiências formativas. Os resultados apontam a necessidade, cotidiana do nosso (re)pensar e (re)significar a prática, na busca da formação continuada, considerando que na nossa profissão pede uma (auto) reflexão uma vez que vivenciamos a experiência de alunos com deficiência na sala de aula regular de ensino. A pesquisa (auto) biográfica provoca (auto) formação sobre a nossa própria prática docente, na interação com os alunos, com professores, com todos os sujeitos escolares e é, nesse sentido, uma metodologia reflexiva da prática, e que o conhecimento de si não é espontâneo, é preciso fazê-lo emergir através da reflexão com o outro e, se possível, retomá-la por escrito.

Palavras-chave: Surdos, (Auto) biografia, Libras, Prática pedagógica, Narrativas de formação.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasce das experiências e aprendizagens vivenciadas em sala de aula de um professor de Geografia em duas escolas públicas, uma da Rede Estadual e outra Municipal, com alunos surdos do ensino regular do Ensino Fundamental II, no período de 2013 a 2016, em que atuo já alguns anos. Relato minhas experiências com alunos surdos na sala de aula, numa perspectiva reflexiva.

Abordarei minha narrativa (auto) biográfica de experiências e aprendizagens em sala de aula com alunos surdos, em turmas do ensino fundamental II. Diante disso, questionamos: como um professor de geografia através da formação continuada pode desenvolver aprendizagens com alunos surdos na sala de aula? Tem como objetivo narrar minhas experiências de aprendizagens na sala de aula, como professor de geografia que ensina alunos surdos no ensino fundamental II, por meio da formação continuada?

A comunicação com alunos surdos se dá através da convivência na prática pelo contato visual, na observação dos movimentos das mãos e na captura dos gestos que eles transmitem como também na busca da formação continuada em cursos de formação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Trata-se da língua de comunicação de surdos, que abre possibilidade para uma boa comunicação entre alunos e professores (as) e que facilitará o processo de ensino-aprendizagem. Para Lacerda (2015) esta linguagem é um eficiente canal de comunicação gestual visual, para pessoas surdas.

Para melhor organização das informações, este artigo foi dividido em três partes. Na primeira, abordamos a metodologia, em seguida, apontamos os resultados e discussão. Por último, são apresentadas as considerações.

METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, referendada nos estudos de Minayo (2007). Segundo a autora, essa abordagem de pesquisa qualitativa se aprofunda no universo dos significados, essa realidade vivida no universo dos significados, não é visível, precisa ser entendida e manifestada pelos próprios pesquisados. Para a autora, possibilita uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável, entre o mundo objetivo e a subjetividade humana.

Apresentamos como metodologia de investigação, a pesquisa (auto) biográfica, que faz uso do Método (Auto) Biográfico, apoiada teoricamente em Josso (2010), quanto afirma o Método (Auto) Biográfico como um processo formativo e (auto) formativo na escrita de si e com o outro, em que o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências. Acrescentamos as contribuições de Souza (2006) que reflete sobre a (auto) compreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual e coletiva.

A abordagem foi a partir das narrativas (auto) biográficas do professor de geografia no processo vivido de ator e autor de suas próprias experiências, que atuou na sala de aula regular do Ensino Fundamental II, nas turmas de 6º e 7º anos, em duas escolas públicas, uma da Rede Estadual e outra Municipal, entre os anos de 2013 a 2016, com alunos surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), reconhecida no Brasil através da Lei nº 10.436 de 2002, que dispõe e reconhece a LIBRAS, o que pode ser lido na referida Lei, como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia (BRASIL, 2002).

A Lei nº 10.436 de 2002 foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005, pelo Decreto nº 5.626/05, visando ao acesso à escola dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de LIBRAS, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular (BRASIL, 2002).

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, segundo Brasil (2002) a educação deve ser bilíngue, ou seja, desenvolver o ensino escolar na Língua Portuguesa e na LIBRAS, e reconhecer o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, como oferecer os serviços de tradutor/intérprete de LIBRAS e Língua Portuguesa, e oportunizar o ensino de LIBRAS para os demais alunos da escola. Quanto o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para esses alunos é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais (BRASIL, 2002).

Devemos entender que a LIBRAS é uma língua com estrutura própria, que utiliza canal gestual-visual. Segundo Araújo (2015), esta forma de linguagem é rica, completa, coexiste com as línguas orais, mas é independente e possui estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. A pessoa surda é um sujeito que tem uma forma única, peculiar de aprender, pois compartilha duas culturas e precisa apropriar-se de ambas. A LIBRAS constitui essa ponte importante na educação dos surdos nas classes regulares (ARAÚJO, 2015).

Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular. Segundo Araújo (2015), à medida que têm entrado em contato uns com os outros, tendo nascido em famílias surdas ou sido agrupados em escolas especializadas e na comunidade, o resultado tem sido o desenvolvimento de um sofisticado idioma feito sob medida para os olhos de uma língua de sinais (ARAÚJO, 2015).

A LIBRAS se baseia em um conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais, necessários à articulação do que se quer expressar. Hoje, no Brasil, é considerada a língua materna das pessoas surdas, sendo o português considerado como segunda língua. A Lei 10.436 de 2002 reconhece a legitimidade da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e, com isso, seu uso pelas comunidades surdas, ganha respaldo do poder e dos serviços públicos (MENEZES; *apud* ARAÚJO, 2015).

Adquirir esse conhecimento em LIBRAS ajuda na minha prática pedagógica e na interação com alunos surdos. Apresentarei minhas narrativas (auto) biográficas de formação, em relação às experiências vividas com alunos surdos em sala de aula, dando ênfase para a relação de aprendizagem com os alunos surdos e como essa experiência me proporcionou entendimento sobre um novo olhar para prática pedagógica como professor de geografia.

No ano de 2013, em uma escola pública estadual de Mossoró/RN, a coordenadora pedagógica comunicou aos professores que no 2º bimestre, iríamos receber dois alunos surdos para a turma do 7º ano, fiquei preocupado e angustiado com a notícia, a escola não tinha intérprete de LIBRAS, como também não saberia como me reportar a uma pessoa surda, por não entender a LIBRAS. Desde já fiquei inquieto, sabia que ia ter muitas dificuldades, procurei ajuda de pessoas que trabalham com inclusão, que indicassem, onde eu poderia fazer um curso para ter noções básicas para falar com surdos. Encontrava-me com um grande desafio, a saber, o de trabalhar com dois alunos surdos entre os vinte e nove alunos da sala. Os alunos ouvintes, também, não sabiam se comunicar com surdos. Estava diante de uma situação desafiadora que me permitiu reflexões: Como vou me comunicar com eles? Como aprender a linguagem de sinais em LIBRAS? Como o aluno vai entender o conteúdo?

Diante de tantos questionamentos, poderia muito bem, deixar de lado, fazer de conta que o problema não era meu, e sim, da escola. Haja vista, que éramos sete professores de disciplinas específicas, dos quais apenas eu, e uma professora, procuramos informações de curso de formação continuada em LIBRAS. Fomos informados pela escola que o Centro de Formação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS), estava ofertando vagas em LIBRAS, como também fiquei

sabendo por uma professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) que a Diretoria de Apoio a Inclusão¹ (DAIN/UERN), estava com inscrições abertas para o curso de LIBRAS.

Optei cursar pela DAIN/UERN, por ficar mais próximo do meu bairro, e o curso era noturno, em que dava para conciliar com a minha disponibilidade. A situação me encorajou a enfrentar o curso de extensão em LIBRAS, nível I, no semestre de 2013.1, onde a professora era surda. Isso me deixou curioso, e ao mesmo tempo fiquei pensando, como vou me reportar à minha professora de LIBRAS? Ela é surda! Conclusão, as aulas foram ministradas com muito dinamismo, a professora interagiu ao transmitir os conteúdos com a turma. Apreendi muito com a professora de LIBRAS, começando a obter as noções básicas da Língua de Sinais para a comunicação com surdos, através de saudações, objetos da sala de aula, nomes das frutas entre outras informações.

A cada momento do curso de LIBRAS, eu ia percebendo que era possível aprender a LIBRAS e isso seria um instrumento facilitador para minha prática docente em sala de aula, como também me proporcionou autoconfiança, tranquilizou as minhas angústias. Aproximei-me dos surdos, mesmo sabendo que tinha mais caminhos para percorrer para atender suas especificidades, se trata de outra língua, na qual não tenho total domínio.

A LIBRAS é a linguagem de identificação dos surdos, é pelo uso da mesma língua que os surdos compartilham e reconhecem sua própria identidade, cada comunidade desenvolvem suas competências linguísticas por meio do uso da sua língua materna.

No semestre de 2013. 1, concluo o curso de extensão LIBRAS – nível I, na UERN, promovido pela DAIN, construído concomitante ao período que recebemos os alunos surdos na escola, como relato anteriormente. Desde 2013 a 2016, não parei mais, venho participando de eventos nos âmbitos Internacionais, Nacionais, Regionais e locais sobre Educação e Inclusão. Todas as discussões me mostraram um novo olhar para a inclusão. Essas vivências me fizeram refletir sobre esse processo de construção da acessibilidade para as pessoas com deficiência. Essas informações me fortaleceu cada vez mais.

O meu interesse em participar em temáticas voltadas para a Educação Inclusiva, veio muito antes de me deparar com um problema na sala de aula, mas, o contado com alunos surdos em

¹ O Departamento de Apoio à Inclusão (DAIN) foi criado pela Resolução nº 2/2008 do Conselho Universitário - CONSUNI, de 18 de abril de 2008 e, em 2010, passa a Diretoria de Apoio à Inclusão, através da Resolução Nº 31/2010-CD. Em 24 de março de 2015, através da Resolução Nº 05/2015- CD, passa à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas.

2013, apontou a necessidade de me atualizar e dá continuidade na minha formação, através de novos estudos que me instigasse ao conhecimento sobre a compreensão das especificidades das pessoas surdas em especial.

Essas experiências me proporcionaram um novo olhar na interação com pessoas com deficiência, me fizeram perceber, que têm grande potencial de aprender, mesmo com suas limitações. Segundo Duboc (2005), no processo de caminhar em direção de uma teoria que melhor dê conta das complexidades individuais e coletivas dos alunos surdos na perspectiva inclusivista, a autora defende, a necessidade da formação do professor, tanto inicial como continuada, lembrando, no entanto, que o mesmo não deve ser preparado para atendimento clínico ou terapêutico dos seus alunos, mas para lidar pedagogicamente com eles.

Desde que os desafios foram se revelando na minha prática pedagógica, em particular com alunos surdos, não me acomodei nenhum momento. Procurar apoio, através de instituições que promovesse cursos de formação para surdos, mesmo sabendo que aquilo não seria o bastante, era apenas um primeiro passo para suprir minhas dificuldades iniciais de se comunicar com esses alunos, que mesmo assim, não era o suficiente.

No início, não foi fácil, não sabia me comunicar através da Língua de Sinais. Tentava me comunicar por gestos, mas às vezes nem eles entendiam, passei a fazer a comunicação através da escrita, no caderno dos alunos surdos. Construí um momento importante, foi desse ponto que surgiu a primeira comunicação, com as aulas do curso de LIBRAS, promovido pela DAIN/UERN. O curso me proporcionou conhecer palavras que me possibilitaram manter uma interação professor/aluno o que facilitou bastante o diálogo com eles. Mesmo com o curso, eu passei a pesquisar vídeos no YouTube. Esse caminho, também, me ajudou a melhorar a comunicação com os alunos surdos em sala de aula.

Para Poker (2015) quando o professor ouvinte conhece e usa a Língua de Sinais, tem condições de comunicar-se de maneira satisfatória com seu aluno surdo. A autora ainda salienta que o aluno surdo para se desenvolver necessita então de professores altamente participativos e motivados para aprender e tornar fluente a linguagem.

Quando inicio a aula, sempre faço saudações em LIBRAS, sei que eles têm conhecimento da Língua de Sinais. Para Lacerda (2015) mesmo com o acesso aos sinais, a comunicação ainda é precária. É que esse acesso é ilusório no âmbito de tais práticas, pois os alunos não aprendem a compreender os sinais como uma verdadeira língua, e desse uso não decorre um efetivo desenvolvimento linguístico. A autora reforça que os sinais constituem um apoio para a língua oral

e continuam de certa forma, *quase interditados* aos surdos. Para que eles dominem a Língua de Sinais é preciso que tenham acompanhamento e orientações sobre a LIBRAS em instituições de apoio para surdos.

Como eles falavam em LIBRAS, me convenci que estava no caminho certo, e que o curso iria me ajudar bastante. Depois das saudações em Libras, pedia a eles que abrissem o caderno, direcionava as páginas do livro, onde eu ia explicar o conteúdo, para que eles acompanhassem de forma visual, e não ficassem sem saber o que eu estava falando. Após a explicação, escrevia atividade no quadro, e ficava acompanhado e orientando-os na pesquisa das questões pelo livro, ou seja, demonstrando uma atenção com eles. A melhor parte é que eles sabiam ler e escrever, com isso, facilitava o processo de aprendizagem.

Procurei outras maneiras de me socializar com a turma. Em 2013 na turma do 7º ano, consegui encartes com alfabetos em Libras, para toda a classe vivenciar a intenção para que todos colaborassem na comunicação com os alunos surdos. Outra forma foi conversar com a família, momento em que investi mais, junto às famílias, em que orientei sobre a importância na participação e acompanhamento dos seus filhos no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS), onde tem o profissional Intérprete de LIBRAS. Essa instituição oferece, com a mesma pertinência, em horário diferenciado, assistência educacional nas tarefas de casa para serem feitas na sala de AEE. É possível um melhor acompanhamento a esses alunos, pois o tempo da sala é muito pouco. Um deles fazia acompanhamento das atividades em sala de AEE no CAS, no horário da manhã, haja vista, que estudava à tarde.

Minha segunda experiência, construí no ano de 2014 a 2016 na escola município em Porto do Mangue/RN, aonde vinha acompanhando um aluno surdo no 6º ano, desde 2014. Com esse aluno me utilizei do meu conhecimento da comunicação em LIBRAS, fiz acompanhamento no material didático, orientei nas atividades, procurei sempre socializá-lo nos trabalhos de grupos, estava sempre incluindo em tudo, para que ele perceba suas potencialidades. Na escola, a situação é preocupante, pois no município tem sala de AEE, mas não funciona, tirando o direito do atendimento dos alunos com NEE. Outro aspecto é a falta de intérprete de LIBRAS, a família não se pronuncia para buscar esse direito, o aluno não tem uma boa frequência. São vários fatores que dificultam um melhor acompanhamento desse aluno para que, de fato, desenvolvam ações inclusivas.

Para Mantoan *apud* Freire (1999), as transformações necessárias para a inclusão de fato ocorra são muitas e profundas, envolvendo questões pedagógicas, gestão e organização escolar. As

escolas muitas vezes, recebem esses alunos apenas por questões de não excluí-lo, a secretaria da escola faz a matrícula dessas crianças e os encaminham para sala de aula, sem dar nenhuma atenção, alguns casos, de acordo com o tipo da deficiência, o professor (a) tem o direito de ter um auxiliar, e isso não acontece. Neste sentido, isso dificulta uma aprendizagem que favoreça a construção de conhecimentos cognitivos, ou seja, o desenvolvimento social e afetivo do sujeito.

No caso das crianças surdas, para Duboc (2005), a escola carece de um trabalho focado para atender esses alunos com surdez, pois sabemos que a escola tem um papel social na atenção à programas que garantam o acesso à LIBRAS mediante a interação social e cultural com pessoas surdas. Na escola que trabalho, os professores precisam da formação continuada de um curso de LIBRAS. Acredito que a mudança só ocorrerá se, de fatos, todos abraçarem a luta pela inclusão. Para que o processo de inclusão ocorra de uma forma efetiva, é necessário que haja uma união entre todos os membros da comunidade escolar, a fim de que possam atuar no processo de transformação desta escola.

Em 2014, me inscrevi novamente no curso de LIBRAS – nível II, na DAIN/UERN, mas, não conclui, tinha sido selecionado para aluno especial no Programa de Pós - Graduação em Educação POSEDUC/UERN. Também estava estudando para a seleção de aluno regular, em meio a projeto, outros trabalhos escolares, com duas jornadas de trabalho. Estava sobrecarregado, não tinha forças para continuar, mas, ao mesmo tempo lamentando muito, o curso também era importante para mim. No ano de 2016, me escrevi no curso de LIBRAS – nível II, desta vez, no CAS, pela manhã, dando continuidade a minha formação, como participar efetivamente dos eventos sobre temáticas que envolva a inclusão e sobre a pesquisa (auto) biográfica. Neste mesmo ano, o aluno surdo, da escola do município de Porto do Mangue/RN, se inscreveu também, no curso de LIBRAS no CAS. O curso de Formação Inicial em LIBRAS atente alunos surdos que não tem domínio da sua primeira língua, foi o caso desse aluno. A nossa participação nos cursos de LIBRAS do CAS, nos proporcionou uma melhor interação na comunicação em sala de aula, entre professor/aluno, pois estávamos aprendendo a maneira correta de se comunicar.

Entendo que a formação de professores para uma educação inclusiva não deve estar restrita apenas a formação inicial em nível de licenciatura, mas requer uma continuidade ao longo do seu desenvolvimento profissional docente e também ao longo da vida. Duboc (2005) defende a necessidade de formar profissionais que acolhem o novo, presente em cada aluno surdo, livre de preconceito e comprometido politicamente com a função cultural e social de produzir sentido, de

construir conhecimentos e reconhecer a plenitude do desenvolvimento desses sujeitos a despeito de suas diferenças.

Os resultados apontam a necessidade, cotidiana do nosso repensar e (re)significar a prática, na busca da formação continuada, considerando que na nossa profissão pede uma (auto) reflexão uma vez que vivenciamos a experiência de alunos com deficiência na sala de aula regular de ensino. A pesquisa (auto) biográfica provoca (auto) formação sobre a nossa própria prática docente, na interação com os alunos, com professores, com todos os sujeitos escolares e é, nesse sentido, uma metodologia reflexiva da prática, e que o conhecimento de si não é espontâneo, é preciso fazê-lo emergir através da reflexão com o outro e, se possível, retomá-la por escrito.

CONSIDERAÇÕES

Ensinar pessoas com deficiência é um desafio. Essa tarefa não seja apenas de responsabilidade dos professores, mas, de toda a sociedade, a saber, família, escola e governo, para que de fato, haja o acesso, a permanência com qualidade dos alunos surdos na educação pública e privada. Seria ideal se todos da escola, professores, coordenadores, gestores e funcionários, buscassem aprender a Língua de Sinais como forma de tornar uma escola inclusiva, de valorização do ensino dos seus alunos surdos, com a consciência de melhoria das técnicas de ensino de LIBRAS, como a qualificação e a aperfeiçoamento, visando bons resultados para o educando.

Nas minhas narrativas (auto) biográficas, expresso passagem de possibilidade e de desafios na minha prática pedagógica, em que estou diante de uma realidade de sucesso como de dificuldades em lidar com alunos surdos em sala de aula. Sei que tenho um caminho educacional para trilhar. As experiências até aqui é o começo, vou aqui tecendo fios condutores de saberes, pois, a caminhada é longa e cheia de percalços, mas, não posso desanimar, tenho que está preparado para as adversidades que virão ao longo da vida, pessoal como profissional.

Na pergunta inicial, na qual questionamos: como um professor de geografia pode desenvolver diálogos de aprendizagem com alunos surdos na sala de aula? Temos como resposta a buscar da formação continuada, tanto na área da educação como na inclusão, aqui, trato da minha atuação com os alunos surdos, reconheço que tenho que adequar às metodologias que utilizo para surdos. Entendo que não é fácil, ministrar aulas com turmas numerosas, que nem sempre temos tempo para elaborar atividades voltadas exclusivamente para determinadas especificidades, precisamos de formação que nos possibilite uma melhor atuação no AEE, não temos intérprete de

LIBRAS que nos auxilie na comunicação. São vários pontos que devem ser melhorados na Educação Especial. Quanto a minha parte, estou disposto e aberto para aprender e passar minhas experiências como professor de geografia, estarei sempre pronto para cultivar a ação inclusiva, e excluir o preconceito.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laine Reis. **Inclusão Social do Surdo: Reflexões Sobre as Contribuições da Lei 10.436 à Educação, aos Profissionais e à Sociedade Atual.** Disponível em: <www.egov.ufsc.br/>. Acesso em: 04 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: portal.mec.gov.br/. Acesso em: 03 out. 2015.

DUBOC, Maria José de Oliveira. A formação do professor e a inclusão educativa: uma reflexão centrada no aluno surdo. **Revista do Centro de Educação.** Cadernos: edição: 2005 - Nº 26. Disponível em: MJ de Oliveira Duboc - cascavel.ufsm.br. Acesso em: 26 set 2015.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Educação Especial e recursos da informática: superando antigas dicotomias.** Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - NIED/UNICAMP, 1999. Disponível em: proinfo.gov.br. Acesso em: 13 fev. 2015.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** Disponível em: webletras01.lettras.ufmg.br. Acesso em: 01 out. 2015.

LIMA, M. J. Danielly de; COSTA, M. A. Chaves da; LIMA, V. Y. S. de; AGUIAR, A. L. O. **Diversidade, Inclusão e Paulo Freire: discussões e reflexões iniciais na educação.** Disponível em: coloquio.paulofreire.org.br/ Acesso em: 18 fev. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Disponível em: EC Souza - **Revista Educação em Questão**, 2006. Acesso em: 15 set. 2015.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez.** Módulo II – Teórico – UNESP, Libras a Distância. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/>. Acesso em: 01 out. 2015.